

Graduação Pós-Graduação

TRANSEXUALIDADE: desafios da mudança de identidade de gênero

Carina dos Santos Cassiano da Silva,
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/CPNV)
carina.cassiano@ufms.br

Bruna Moreira Pongetti,
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/CPNV)
moreira_bruna@ufms.br

Daiane Crepaldi Pereira,
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/CPNV)
daiane.crepaldi@ufms.br

Adriana Horta de Faria,
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/CPNV)
profadrianahortadefaria@gmail.com

RESUMO

O presente resumo expandido aborda a transexualidade identificada como sentimento que alguém tem de pertencer a um sexo com que não nasceu. Foram realizadas pesquisas bibliográficas para maior compreensão sobre o que é o transexualismo, como a pessoa transexual se identifica e suas dificuldades no processo de transformação. Foi encaminhado um questionário para duas pessoas transexuais residentes da cidade de Naviraí/MS, onde uma travesti e um homem transexual, relataram sobre o maior conhecimento de si a partir dos anos, seus medos, preconceitos, dificuldades, e todo o processo de transformação. Por meio da entrevista pode-se concluir que a pessoa transexual nasce em um corpo, mas não se identifica com o gênero, o que leva a pessoa transexual a passar por várias mudanças atrás da sua própria aceitação pessoal e social. No decorrer dessa transformação se deparam com muitas dificuldades pessoais e psicológicas, enfrenta preconceitos diariamente de pessoas na rua e até mesmo no âmbito familiar. Os entrevistados em suas falas ressaltam as barreiras, e o preconceito no mercado de trabalho, mas acima de todos os desafios ao decorrer da mudança da identidade de gênero, em busca se sua própria aceitação enfatizam a importância de nunca desistir de quem se é.

Palavras-chave: Transgênero; identidade; gênero.

No dicionário a palavra “transexualismo” se designa por “Sentimento que alguém tem de pertencer a um sexo com que não nasceu, cujas características físicas deseja possuir ou já possui através de meios médicos-cirúrgicos” (PRIBERAM, 2006). Segundo Rocha e Sá (2013) os movimentos transgêneros buscam excluir o sufixo ‘ismo’ do discurso de Transexualidade, para que assim, o propósito de patologia seja evitado (apud NERY, 2011).

Estudos das ciências humanas feitos na década de 90, apontam dificuldades de o transexual alcançar sua identidade social, pois mesmo com a intervenção cirúrgica, levaram a resultados negativos, pois não há muita integração do transexual perante a sociedade. Portanto a patologização do transexualismo acabou por se tornar um consolo para a sociedade, para que aceitem o considerado diferente, visto que antes, a pessoa trans era vista como prostituível. Ainda segundo a autora, esse diagnóstico acaba por exercer uma pressão social e gera sofrimento no indivíduo, fazendo com que aumente ainda mais a discriminação, nota-se pela homofobia na qual se noticia sempre (ROCHA e SÁ, 2013).

Para Vieira (s.d, p. 360) “Não reconhecer o direito do transexual à adequação do sexo e nome fere os direitos fundamentais à dignidade da pessoa e o livre desenvolvimento da personalidade, intimidade, igualdade, honra, imagem, à proteção à saúde etc. Ademais, as normas devem ser interpretadas de conformidade com a realidade social”.

A pesquisa tem como principal objetivo buscar o conceito e as concepções de transexualidade, sendo assim realizado um questionário aberto para dois entrevistados relatarem sobre o processo de mudança de identidade de gênero e sobre os maiores desafios enfrentados por transexuais que buscam a aceitação física e social.

O questionário foi disponibilizado via app WhatsApp, de 10 de novembro de 2020 a 15 de novembro de 2020, para 2 pessoas trans (1 homem trans e 1 mulher trans). Foi explicado antes de tudo o motivo da entrevista, para que eles ficassem cientes que não seria divulgado nomes, preservando assim sua identidade.

Buscando entender melhor a questão da transexualidade dentro dos parâmetros de idade, cor/raça, a partir dos dados coletados percebeu-se que pode ocorrer nas mais diversas linhas de tempo e idade quanto cor/raça, não existe uma lógica que se incline ou tendencie a faixa etária ou identificação nos moldes da cor da pele do indivíduo enquanto pessoa. Podemos ratificar isso pelos indicadores da entrevista onde as idades estão em uma variante de vinte e três e vinte e quatro anos e quanto a cor reconheceram-se como negro e pardo.

Com relação a como foi a primeira vez que se identificaram com um gênero diferente do que lhe foi atribuído pela sociedade, o primeiro entrevistado relata um conflito de

sentimentos ainda na infância, enquanto o segundo entrevistado entende que sua identidade eclodiu já na idade adulta, este último relata ainda um conflito entre a personalidade DREG (transformista), travesti e a identidade trans por conta de aspectos culturais e falta de informações específicas quanto ao assunto. De acordo com OÑORO (2019, p. 53):

[...] ao nascer é atribuído a todo indivíduo a denominação masculina ou feminina de acordo com os respectivos órgãos genitais, todavia há casos em que tal designação não se coaduna com a identidade de gênero daquela pessoa, ou seja, mesmo possuindo atribuições físicas referentes a determinado sexo o sujeito em questão se identifica e quer ser reconhecido pelo gênero oposto, tratando-se de uma pessoa transexual.

Questionados sobre a reação dos familiares e amigos, o primeiro relatou que sua mãe o apoiou mesmo não entendendo muito bem do assunto, e o segundo entrevistado relatou que os pais reagiram da pior maneira, mas que ambos tiveram apoio integral dos amigos. Com relação a transferências documentais, ressaltam que é um processo burocrático, e por ser complicado acabam adiando essa transição.

Ao serem questionados se já sofreram preconceito, o primeiro entrevistado destacou que sente o preconceito todos os dias, já o segundo disse que foram raras as vezes que sentiu preconceito, mais ao indagarmos sobre como é ser uma pessoa Transexual no Brasil, ambos enfatizaram a falta de oportunidade de emprego, ressaltaram ainda um incomodo pela maneira como são olhados pelas pessoas. Dito isso, mesmo que o segundo entrevistado não sinta o preconceito explicitamente, ao dizer que sente incomodo pela forma que as pessoas o observam e que há uma dificuldade em conseguir um bom emprego, podemos afirmar que este fato é uma forma de preconceito não explícito.

Assim, ao perceber essa discordância entre o sexo biológico e a identidade de gênero os indivíduos transexuais se depara, com dificuldades de aceitação no âmbito familiar e social, ocasionando circunstância humilhantes e discriminatórias que além de excluí-los podem envolver agressões verbais e físicas, aos quais ocorrem basicamente devido à falta de informação e ao desrespeito pela vida e sentimento dos demais [...] (OÑORO, 2019, p. 58)

São diversas as dificuldades enfrentadas por eles diariamente, uma delas é o uso de banheiros, o qual o entrevistado relatou que ao ter que optar pelo banheiro masculino ou feminino, acaba não optando por nenhuma das opções, ou até mesmo tendo que fazer fora do local a qual se encontra (SEGUNDO ENTEVISTADO, 2020).

Mesmo com todas as dificuldades enfrentadas por eles, o conselho que deixam para os jovens que estão passando pela mesma situação é: “Nunca desista”, “Procure informações”,

“Exponha seus sentimentos”, “procure o apoio da família” (PRIMEIRO ENTREVISTADO, 2020). Há muito que melhorar, mas a esperança é que aos poucos vão ganhando espaço, e sendo devidamente reconhecidos.

Por meio deste trabalho conclui-se que o transexualismo é identificado como sentimento que alguém tem de pertencer a um sexo com que não nasceu na qual uma pessoa nasce com o órgão genital masculino ou feminino, porém sua cabeça nasce do sexo oposto, o que leva a pessoa buscar tratamentos físicos e hormonais, na qual ela possa sentir-se realizada e livre de acordo com o sexo no qual se identifica, e não ao que nasceu. Por meio dos dados coletados podemos constatar que são inúmeras as dificuldades enfrentadas por pessoa trans no cotidiano, como emocional, profissional, preconceito explícito ou implícito na sociedade. Mas nada que os impossibilitem de viverem livres para serem quem realmente são, independentes de sua idade, cor, raça e dos padrões impostos pela sociedade.

REFERÊNCIAS

SILVA, Ariana Kelly Leandra Silva da. **Diversidade sexual e de gênero: a construção do sujeito social**. Rev. NUFEN [online]. 2013, vol.5, n.1, pp. 12-25. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2175-25912013000100003> Acesso em: 03 set. 2021.

OÑORO, Carmen dos Santos et al. **A transexualidade e o direito à educação inclusiva**. 2019. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/22844>> acesso em: 24 ago. 2021

PRIBERAM, "transexualismo", in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2006, disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/transexualismo>> acesso em: 25 ago. 2021

ROCHA, Maria Vital da; SÁ, Itanieli Rotondo. **Transsexualidade e o direito fundamental à identidade de gênero**. Ridb: Ceará. 2013, Ano 2, n° 3, p. 2337-2364. Disponível: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/54302>> Acesso em: 03 set. 2021.

VIEIRA, Tereza Rodrigues. **Direito à identidade de gênero, redesignações identitárias e o estatuto da diversidade sexual**. s.d. p. 359-369. Disponível em: <<https://www.ibdfam.org.br/assets/upload/anais/287.pdf>>. Acesso em: 06 nov. 2020.